Cabecinhas, R. (2006) ‘Identidade e Memória Social: Estudos comparativos em Portugal e em Timor-Leste’ in Martins, M.; Sousa, H. & Cabecinhas, R. (Eds.) (2006) *Comunicação e Lusofonia: Para uma abordagem crítica da cultura e dos media*, Porto: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade e Campo das Letras, pp. 183-214.

Título:

Identidade e memória social: estudos comparativos em Portugal e Timor-Leste

Autor:

Rosa Cabecinhas, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho

Resumo:

Nesta comunicação apresentamos os resultados preliminares de uma investigação empírica sobre identidade social e percepções da história, cujos dados foram recolhidos através de inquérito por questionário em dois países: Portugal e Timor-Leste. Esta investigação foi realizada no âmbito de um projecto internacional sobre identidade e memória social, tendo como objectivo analisar as representações da história construídas pelos jovens dos diversos países da *Comunidade de Países de Língua Portuguesa* (CPLP).

Nesta comunicação examinamos as representações de jovens portugueses e de jovens timorenses sobre a história da humanidade, em geral, e sobre a história nacional dos respectivos países, em particular. Investigamos as representações hegemónicas e polémicas, o papel da identidade social e as emoções associadas às personalidades e aos acontecimentos considerados mais marcantes na história da humanidade e nas respectivas histórias nacionais. Na discussão dos resultados reflectimos sobre o impacto do processo de globalização, por um lado, e o impacto da “lusofonia”, enquanto “zona cultural e linguística”, por outro.

Palavras-chave: identidade social; memória social; representações sociais

Identidade e memória social:
Estudos comparativos em Portugal e Timor-Leste[1]

Globalização, identidade e memória social

Num mundo em acelerado processo de globalização, em que as pressões para a "massificação cultural" são constantes, cada grupo (nacional, regional, linguístico, etc.) ao mesmo tempo que absorve e transforma as ideias circulantes nos meios de comunicação "globais", tenta preservar o que considera ser a sua identidade cultural própria, valorizando as suas tradições, usos e costumes, e definindo o seu "lugar singular" no mundo.

O modo como os grupos nacionais representam a sua história é fundamental na definição da sua própria identidade. A construção da história de cada nação é sempre um processo comparativo, já que a história de cada grupo nacional depende das relações estabelecidas com outros grupos. A forma como cada grupo interpreta o seu passado, determina o seu posicionamento no presente e as suas estratégias para o futuro. Essas estratégias definem não só as relações dentro do grupo como as relações com os outros grupos, numa dinâmica onde, conforme o momento histórico, pode prevalecer a estabilidade ou a mudança, a resistência ou a adaptação, a preservação das fronteiras ou a sua diluição.

No caso específico dos oito países que constituem a *Comunidade de Países de Língua Portuguesa* (CPLP), a adesão a esta comunidade traduz não só reconhecimento da longa relação histórica que os une, mas também o desejo da manutenção dessa relação, embora com novo enquadramento: a relação colonial foi substituída por uma relação pós-colonial, assente em princípios de "cooperação" e "solidariedade", tendo como objectivos a "difusão e enriquecimento da Língua Portuguesa" e a preservação de "um vínculo histórico e um património comum resultantes de uma convivência multissecular" (Declaração Constitutiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, 17 de Julho de 1996: www.cplp.org).

Mas que imagens têm os jovens desse passado e herança comum? Será que esse

[1] A autora agradece ao Prof. Benjamim Corte-Real, Reitor da Universidade Nacional Timor Loro Sa'e (UNTL), e à Fundação das Universidades Portuguesas (FUP), a autorização para realizar este estudo junto dos estudantes da UNTL/FUP. Agradece ainda aos Professores Aurélio Guterres, Domingos de Sousa, Domingos Maia, José António da Costa, José Mattoso e Miguel Maia dos Santos os seus ensinamentos sobre a história e a cultura timorenses. Um agradecimento muito especial ao Dr. João Paulo Esperança pela sua colaboração na recolha de dados. Finalmente, agradece a todos os estudantes, portugueses e timorenses, que participaram voluntariamente nestes estudos.

"passado comum" tem o mesmo significado e suscita as mesmas emoções nos jovens portugueses e nos jovens dos países que foram colonizados por Portugal? De que forma os conflitos que opuseram o país colonizador e os países colonizados são recordados pelos jovens nascidos no pós-25 de Abril, que não tiveram qualquer experiência directa do período colonial? Serão esses conflitos esquecidos, silenciados ou reforçados?

Será que quando pensam na história da humanidade os jovens de hoje evocam espontaneamente acontecimentos que marcaram este "espaço geograficamente descontínuo mas identificado pelo idioma comum" (CPLP; 17 de Julho de 1996), que geralmente designamos como "espaço lusófono"?

Estas e outras questões levaram-nos a iniciar um trabalho de investigação sobre identidade e memória social no "espaço lusófono", trabalho esse do qual aqui damos conta dos resultados da fase exploratória, realizada em Portugal e em Timor-Leste. Este trabalho integra-se num projecto de investigação mais amplo sobre políticas de comunicação e discursos no espaço lusófono (e.g. Martins, 2004; Sousa e Marinho, 2004).

A comparação dos dados recolhidos em Portugal e em Timor-Leste parece-nos particularmente interessante, dada à grande distância geográfica entre os dois países e o facto de Timor-Leste ser o mais recente membro da CPLP (a sua adesão ocorreu em 2002, após a restauração da independência). Para além da distância geográfica, temos igualmente que ter em conta o facto da língua portuguesa ter sido banida como língua de ensino durante a ocupação indonésia e as pressões para a "indonesiação" (Mattoso, 2005: 104).

Para a compreensão das dinâmicas identitárias é necessário ter em conta que cada indivíduo pertence simultaneamente a vários grupos (por exemplo, português ou timorense, homem ou mulher, jovem ou idoso, etc.). A saliência das diversas pertenças grupais depende do contexto e das posições relativas dos grupos numa dada estrutura social (Deschamps, 1982; Lorenzi-Cioldi, 2002).

A ampla investigação desenvolvida nas últimas décadas sobre os processos de formação, manutenção e mudança das representações sociais (e.g. Moscovici, 1988, 1998) contribuiu com um novo olhar na forma de conceber a relação entre o indivíduo e a sociedade, e para o reconhecimento da importância dos processos comunicativos, mediáticos e informais, na forma como determinado grupo constrói a realidade.

As representações sociais são conceptualizadas como uma modalidade de conhecimento socialmente elaborada e compartilhada, com um objectivo prático, e contribuindo para a

percepção de uma realidade comum a um determinado grupo. As representações sociais constituem a forma como os indivíduos apropriam o mundo que os rodeia, ajudando-os a compreender e a agir (Jodelet, 1989).

Na sua obra, Moscovici estabelece a distinção entre três tipos de representações sociais, em função do seu estádio de desenvolvimento e do seu modo de circulação na sociedade. As representações *hegemónicas* são partilhadas por todos os membros de um grupo altamente estruturado (uma nação, um partido, etc.), prevalecendo implicitamente em todas as práticas simbólicas desse grupo, apresentando grande grau de uniformidade e coercividade. Por seu turno, as representações *emancipadas* são o produto da cooperação entre grupos que estão em contacto mais ou menos próximo: cada grupo cria as suas próprias interpretações ou versões e partilha-as com os outros. Por último, as representações *controversas* ou *polémicas* são geradas no decurso de uma controvérsia social ou um conflito entre grupos, não sendo partilhadas pela sociedade no conjunto (1988: 221-222).

Serge Moscovici estabeleceu uma ligação entre os diferentes estádios de desenvolvimento das representações sociais e três modalidades comunicativas: a difusão, a propagação e a propaganda. Na *difusão* verifica-se distanciamento e diversidade no tratamento dado aos temas, com ênfase na informação, sem tomadas explícitas de posição da parte do emissor, mas também sem uma sistematização das diferentes posições face ao tema. A *propagação* visa produzir uma norma geral, englobante e conciliadora de posições potencialmente diferentes, procurando organizar elementos divergentes de forma a torná-los compatíveis com valores mais centrais para os vários grupos implicados. Em contrapartida, na *propaganda* a forma de abordar os assuntos é dicotomizada, procurando salientar que há apenas um caminho a seguir, rejeitando qualquer moderação. Esta modalidade de comunicação em torno de dicotomias redutoras ocorre quando há um conflito que ameaça a identidade do grupo, separando "um *nós* que estamos certos, de um *eles* que estão errados" (Castro, 2004: 366).

A compreensão do conteúdo de uma representação exige a sua integração na dinâmica social onde tal representação se desenvolve. A estrutura social remete para clivagens, diferenciações e relações de dominação (e.g. Bourdieu, 1979). Assim, é necessário ter em conta, por um lado, a relação entre as representações sociais e as configurações culturais dominantes e, por outro, a dinâmica social no seu conjunto. A conjugação destes dois factores ajuda a compreender as pressões para a hegemonia e a consequente reificação de certas representações sociais.

Os meios de comunicação social contribuem para a consensualidade alargada de algumas representações sociais, isto é, para o seu carácter hegemónico. Na fabricação dessa hegemonia destaca-se o papel da televisão. Uma representação só adquire foros de verdade e de realidade quando é partilhada - as imagens veiculadas através do ecrã facilitam a ideia de consenso, de partilha por uma larga comunidade. Por outro lado, as representações vivem de metáforas e a televisão "permite fazer corresponder a cada palavra um rosto, a cada conceito e ideia uma imagem" (Vala, 2000: 493).

As representações sociais constituem um conceito fundamental para entender o modo como a história é recordada ou esquecida pelos indivíduos em função das suas identidades sociais. O estudo das representações sociais da história que cada país constrói permite-nos igualmente compreender porque é que cada país reage de maneira diferente aos mesmos acontecimentos. As representações sociais da história são como "mapas" das origens e das missões históricas de cada grupo, estando em permanente negociação ao longo do tempo, produzindo e reflectindo as mudanças da sociedade (Liu e Hilton, 2005).

Assim, a memória é conceptualizada, não como algo meramente individual, mas como um processo social, que depende das pertenças e redes sociais dos indivíduos. Na nossa perspectiva, recordar algo é muito mais do que simplesmente reproduzir factos, pois trata-se de um processo de reconstrução selectivo e parcial. Para esse processo de reconstrução selectivo contribuem aspectos de ordem cognitiva e motivacional.

O carácter social da memória resulta de vários factores: o processo de recordar é social, dado que a evocação das recordações é feita a partir de dicas de contexto; os pontos de referência que cada indivíduo utiliza para codificar, armazenar e recuperar informação são definidos socialmente; e a memória individual não poderia funcionar sem conceitos, ideias, imagens e representações que são socialmente construídos e partilhados. Ou seja, a memória de cada indivíduo é social no seu *conteúdo* (eventos, personagens, etc.) e no seu *processo* (codificação, armazenamento e recuperação da informação).

Reconhecer o carácter social da memória não implica pressupor uma uniformidade nas recordações, já que cada indivíduo é activo no processamento da informação. Cada indivíduo recorda factos diferentes e de um modo diferente e grupos sociais diferentes face a um mesmo acontecimento reconstroem memórias diferentes (Echabe e Castro, 1998).

O indivíduo recorda através da linguagem, pois é esta que lhe fornece as categorias através das quais apreende a realidade. A linguagem medeia a relação entre o indivíduo e o grupo, sendo fundamental para no entendimento do que Halbwachs (1925/1994) designa

como "quadros colectivos da memória": os instrumentos de que a memória colectiva se serve para reconstruir uma imagem do passado em consonância com as ideologias dominantes da sociedade, num determinado momento histórico.

Na compreensão dos "quadros colectivos da memória" é necessário ter em consideração duas coordenadas fundamentais: o *tempo* e o *espaço* (Halbawachs, 1950/1997). Como salienta Cunha, é "o facto da memória das pessoas que coexistem no espaço e no tempo as transcender que define como campo de estudo a memória social. Esta partilha dos quadros sociais da memória conduz a questão, declaradamente, para o domínio da identidade" (2003: 79). Na opinião deste autor, o aprofundamento das propostas pioneiras de Halbwachs passa pela clarificação de uma questão básica: o papel do indivíduo e da sociedade na fabricação e transmissão das memórias.

Na sua análise da memória social, Paul Connerton chamou a atenção para a dimensão narrativa. Segundo o autor, numa dada comunidade as histórias circulam e são partilhadas através das práticas sociais - como a *comemoração*, o *ritual* e a *tradição* - que representam e projectam uma certa identidade. A acção do indivíduo neste processo é activa e diferenciada, no sentido de que o posicionamento social ajuda a definir a capacidade de intervenção do nesse processo e as modalidades que essa intervenção assume. Uma vez que "as imagens do passado legitimam geralmente uma ordem social presente" (Connerton, 1989/1993: 3) a memória social pode ser conceptualizada como um "campo de disputa, passando o controlo social e mesmo o exercício do poder, pela capacidade de definir o memorável e o que deve ser esquecido" (Cunha, 2003: 86).

Resumindo, na nossa perspectiva podemos considerar que toda memória é social, uma vez que os nossos pensamentos, sentimentos e intenções, entre outros fenómenos aparentemente internos, são construídos através das práticas linguísticas e reificados pelos processos de comunicação humana (Gergen, 1994). Neste sentido, tão importante quanto compreender o que recordamos, é compreender porque e como determinados acontecimentos são recordados enquanto outros são esquecidos.

Assim, entendemos a memória como um produto social construído nos processos comunicativos, que reflecte as pertenças e as identidades sociais dos indivíduos assim como as suas trajectórias pessoais, também elas marcadas pelo social. Neste sentido, a teoria das representações sociais constitui uma ferramenta fundamental para compreender como as memórias históricas são construídas, como são partilhadas pelos indivíduos e grupos e quais

as suas funções políticas e ideológicas (Liu e Hilton, 2005).

Representações sociais da história em Portugal e Timor-Leste: estudos exploratórios

Como foi anteriormente referido, nesta comunicação examinamos os resultados de um inquérito realizado junto de jovens em dois países, cuja história é marcada por uma longa relação de interdependência: Portugal e Timor-Leste.

Embora tratando-se de um trabalho sobre as "percepções da história" e não sobre História propriamente dita, parece-nos conveniente abrir aqui um parêntesis, com uma brevíssima contextualização histórica. Para essa contextualização vamos, num primeiro momento, verificar a forma como cada um dos dois países relata a sua história nacional, fazendo ou não referência à relação entre os dois países, nas respectivas páginas oficiais.

Na secção sobre a história no Portal do Governo da República Portuguesa (http://www.portugal.gov.pt; consultado a 30 de Outubro de 2005), é dado considerável destaque ao período dos descobrimentos e à expansão portuguesa, que se traduziram na formação de um "império que […] durará de 1415 a 1975". Referem-se as rotas portuguesas no Atlântico (destacando-se a descoberta das ilhas dos arquipélagos da Madeira e dos Açores, e do Brasil, "descoberto oficialmente em 1500") e no Índico, levando os portugueses a conhecer "a Etiópia, a Índia, a Indochina, a China, o Tibete, as ilhas da futura Indonésia e o Japão". Curiosamente, referem-se as "as ilhas da futura Indonésia", mas não é efectuada qualquer referência directa a Timor-Leste.

Mais adiante, salienta-se que "o fim da mais longa ditadura da história da Europa Ocidental chegou em 25 de Abril de 1974, quando o Movimento das Forças Armadas, reinstaurou o regime democrático […]. Fechado o ciclo do império (com a descolonização em meados da década de 70), Portugal aderiu à actual União Europeia, mas sem deixar de procurar manter uma ligação estreita quer aos outros sete países que falam português (o que levou à criação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa), quer às comunidades portuguesas e descendentes de portugueses espalhadas por todo o mundo" (Portal do Governo da República Portuguesa; consultado a 30/10/2005).

Por sua vez, na página oficial do Governo da República Democrática de Timor-Leste (http://www.timor-leste.gov.tl; consultada a 30/10/2005) refere-se que os "portugueses chegam ao que é actualmente o enclave do Oecussi por volta de 1515" (tradução nossa).

Depois de contextualizada a colonização portuguesa, que respeitou a "sociedade tradicional timorense", mas se traduziu na "sobreexploração" dos recursos naturais de Timor em benefício da metrópole (primeiro o sândalo, até à sua quase extinção, e depois o café, a cana de açúcar e o algodão), é referida a mudança ocorrida com o 25 de Abril: "em 1974, a 'transição para a democracia' em Portugal teve um impacto repentino em todas as suas colónias. O clima político em Portugal virou à esquerda e pela primeira vez os timorenses tiveram liberdade para formar os seus próprios partidos políticos".

Depois de explicada a ocorrência da Guerra Civil em 1975, refere-se a proclamação da independência a 28 de Novembro de 1975 pela FRETILIN (Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente) e a invasão do território pelas tropas indonésias, dez dias depois, a 7 de Dezembro. O período da "ocupação indonésia" é descrito como um período de grande investimento financeiro da Indonésia que se traduziu num rápido crescimento económico em Timor, entre 1993 e 1997. Mas acima de tudo, destacam-se as sistemáticas violações de direitos humanos ocorridas no território, nomeadamente os violentos massacres, que se traduziram em cerca de 200 000 mortos durante os 24 anos de ocupação (1975-1999). Salienta-se ainda que "contrariamente aos portugueses, os indonésios implementaram um regime opressor, forte e directo, que nunca foi aceite pelos timorenses, empenhados em preservar a sua cultura e identidade nacional".

Após a queda do regime de Suharto, realiza-se finalmente um referendo pela auto-determinação de Timor-Leste promovido pela ONU, a 30 de Agosto de 1999. A divulgação dos resultados do referendo - 78% a favor da independência - provocou uma reacção violentíssima da parte dos militares indonésios e das milícias pró-integração que se traduziu em cerca de 2000 mil mortos e destruição das infraestruturas, conduzindo à fuga de cerca de um terço da população para os campos de refugiados na parte ocidental da ilha. A violência só terminou com a chegada das forças internacionais INTERFET, que restauraram a paz e segurança. Depois do período de administração transitória pela ONU (1999-2002), Timor-Leste viria a tornar-se finalmente um Estado Independente a 20 de Maio de 2002 (http://www.timor-leste.gov.tl).

Constatamos, assim, que as páginas oficiais de ambos os países referem o 25 de Abril de 1974 como o momento de viragem, que assinala o *antes* e o *depois* na vida de Portugal e das suas ex-colónias. De facto, o 25 de Abril representa não só o fim da ditadura em Portugal

e a democratização do país, mas também o fim do "império" colonial, nesse sentido trata-se de um acontecimento com implicações na definição das fronteiras nacionais de vários países.

A Revolução dos Cravos provocou profundas mudanças na política interna e externa portuguesa. As medidas consideradas prioritárias foram simbolicamente expressas no *slogan dos 3D's* "descolonização, democracia, desenvolvimento". O fim da guerra colonial tornou-se um imperativo, sendo frequentes as manifestações de ruas gritando o *slogan* "nem mais um só soldado para as colónias" (Vieira, 1999: 171).

As negociações para o reconhecimento da autonomia dos diversos territórios começaram de imediato, tendo sido reconhecida a independência das diversas ex-colónias africanas entre 1974 e 1975: Guiné-Bissau (10 de Setembro de 1974; tinha sido proclamada unilateralmente em 1973, mas não reconhecida por Portugal), Moçambique (25 de Junho de 1975), Cabo Verde (5 de Setembro de 1975), São Tomé e Príncipe (12 Setembro de 1975), e Angola (11 de Novembro de 1975).

A soberania indiana sobre Goa, Damão e Diu, integrados na União Indiana a 17 de Dezembro de 1961, foi reconhecida em 15 de Outubro de 1974. O enclave de Macau continuou sob administração portuguesa até 20 de Dezembro de 1999, altura em que foi devolvido à China.

Quanto a Timor-Leste, como já foi referido, a FRETILIN proclama unilateralmente a independência a 28 de Novembro de 1975, mas a Indonésia anexa o território a 7 de Dezembro, que passa a ser considerado a sua 27ª Província. Esta anexação nunca foi reconhecida por Portugal nem pela ONU[2]. Em consonância com os resultados do referendo em 1999, Timor-Leste tornou-se um Estado Independente a 20 de Maio de 2002.

Uma vez efectuado o breve enquadramento, vamos agora apresentar os procedimentos metodológicos e os resultados dos estudos exploratórios efectuados em Portugal e Timor-Leste. Como já referimos, em cada país, analisámos as representações dos jovens sobre a história da humanidade, em geral, e a história nacional do respectivo país, em particular.

Quando nos debruçamos especificamente sobre os grupos nacionais, é necessário ter em conta que cada grupo é heterogéneo, sendo constituído por uma grande diversidade de indivíduos, com diferentes percursos e experiências de vida e pertencendo a grupos com

[2] A anexação foi reconhecida pelos Estados Unidos, que forneceu armamento e formação militar à Indonésia (supostamente por temer o alastrar do comunismo na Ásia), e pela Austrália, que passado uns anos firmou com a Indonésia um acordo para

diferentes posicionamentos na estrutura social.

Por limitações de vária ordem, nesta comunicação debruçamo-nos apenas sobre as percepções de jovens estudantes universitários em Portugal e em Timor-Leste. Alertamos desde já que o nosso objectivo não é generalizar os resultados à população em geral, mas analisar as percepções destes jovens, em particular, sabendo que são o fruto de um determinado *tempo* e *espaço*.

Em ambos os países foram utilizados os mesmos procedimentos de recolha e de tratamento de dados, de modo a permitir análises comparativas. Em Portugal os dados foram recolhidos na Universidade do Minho em Outubro de 2003 e em Timor-Leste foram recolhidos na Universidade Nacional Timor Loro Sa'e em Novembro de 2004.

Participaram nestes estudos 214 estudantes universitários, 118 portugueses (70 do sexo feminino e 48 do sexo masculino; idade média = 21 anos) e 96 timorenses (47 do sexo feminino e 49 do sexo masculino; idade média = 23 anos). Em Portugal participaram estudantes de licenciaturas em Comunicação Social, Gestão, Informática e Sociologia e em Timor participaram estudantes de licenciaturas em Ciências Agrárias, Economia e Gestão, Engenharia Electrotécnica, Engenharia Informática e Formação de Professores em Português.

Todos os participantes portugueses declararam como língua materna o português. No caso dos participantes timorenses verifica-se uma grande diversidade de línguas maternas: tétum (60%), makasae (8%), mambae (7%), bunak (3%), fataluco (3%), português (3%) e ainda outras seis línguas com percentagens inferiores.

De referir a este propósito que em Timor foram escolhidos para participar neste estudo os alunos do 3ºano dos cursos da Fundação das Universidades Portugueses (FUP), devido à sua maior familiarização com a língua portuguesa. É importante salientar que apesar desta maior familiarização com a língua portuguesa, a maioria dos participantes timorenses referiu o português como a sua terceira ou quarta língua. Embora o questionário estivesse redigido em português, alguns participantes responderam a algumas questões em tétum, sendo as suas respostas posteriormente traduzidas para português[3].

A grande diversidade de línguas faladas pelos inquiridos é um espelho da situação linguística em Timor: país com duas línguas oficiais - o português e o tétum - e mais duas

a exploração do petróleo e gás no Mar de Timor; sobre as "culpas repartidas" na invasão de Timor, ver por exemplo, o artigo de Eduardo Lobão no *Expresso*, 23 de Dezembro de 2005.

[3] As maiores dificuldades de resposta verificaram-se ao nível das "emoções" associadas aos acontecimentos ou personalidades, registando-se a este nível muitas respostas em branco. As respostas fornecidas em tétum foram gentilmente traduzidas pelo Dr. João Paulo Esperança (UNTL/FUP).

"línguas de trabalho" – inglês e língua indonésia – e ainda cerca de uma vintena de outras línguas e dialectos (sobre a situação linguística em Timor, ver por exemplo: Esperança, 2001; Hull, 2001).

Assim, embora tenhamos adoptado exactamente o mesmo procedimento de recolha de dados em ambos os países, a dificuldade da tarefa para os participantes timorenses foi muito maior, tanto nas perguntas abertas, devido às limitações de vocabulário, como nas respostas em escalas fechadas, devido à sua menor familiarização com este tipo de escalas.

A aplicação do questionário foi efectuada colectivamente em sala de aula. Os estudantes foram convidados a participar num estudo internacional sobre história. A página de rosto do questionário explicava aos participantes que o que interessava neste estudo era a sua *opinião* pessoal sobre a história e não o seu nível de conhecimentos.

Na primeira parte do questionário eram colocadas questões sobre a história da humanidade nos últimos mil anos[4] e na segunda parte as questões reportavam-se à história nacional dos respectivos países. As questões da terceira parte eram relativas aos níveis de identificação (nacional, regional, étnica, religiosa, etc.), terminando o questionário com questões de caracterização sociodemográfica.

Como já mencionámos, o questionário aplicado tinha a mesma estrutura em ambos os países, tendo sido efectuadas pequenas adaptações de linguagem e de conteúdo, em função do pré-teste realizado em cada um dos países. O conteúdo da primeira parte do questionário era exactamente igual para ambos os países pois reportava-se à "história da humanidade" enquanto o conteúdo da segunda parte dizia respeito à "história de Portugal" ou à "história de Timor-Leste", conforme o local de recolha de dados. Na terceira parte foram efectuadas algumas adaptações no que respeita aos grupos de identificação em função do local de recolha de dados. Apresentada a estrutura e conteúdo do questionário em geral, vamos agora apresentar mais pormenorizadamente as questões colocadas em cada parte do questionário.

História universal. Na primeira parte, pedia-se aos participantes para listarem os "5 acontecimentos" que consideravam mais relevantes na história da humanidade. Uma vez efectuada a listagem, os participantes deveriam avaliar o impacto (positivo ou negativo) de cada um desses acontecimentos na história da humanidade e finalmente deveriam indicar as emoções que associavam com cada acontecimento. Em seguida, solicitava-se aos

[4] A primeira parte do questionário foi construída de forma a permitir a comparação com os dados recolhidos noutros estudos internacionais, nomeadamente os de Liu e colaboradores (Liu, 1999; Liu *et al.*, 2005).

participantes para listarem as “5 personalidades” que consideravam terem tido mais relevantes na história da humanidade. Uma vez efectuada a listagem, os participantes deveriam avaliar o impacto de cada uma das personalidades na história da humanidade e, finalmente, indicar as emoções que associavam com cada personalidade.

História nacional. Na segunda parte do questionário, as questões eram idênticas à primeira parte, mas desta vez relativas aos “5 acontecimentos” e às “5 personalidades” da história nacional dos respectivos países (Portugal ou Timor-Leste). Uma vez evocados 5 acontecimentos nacionais os participantes deveriam avaliar o seu impacto na história nacional e indicar as emoções associadas a cada acontecimento, seguindo-se a evocação de 5 personalidades nacionais, a avaliação do seu impacto e as emoções suscitadas por cada personalidade.

De referir que a evocação de acontecimentos e de personalidades era completamente livre, já que não era fornecida qualquer listagem prévia aos participantes, o que dificultou o nível da tarefa. As emoções relativas aos acontecimentos e personalidades foram também recolhidas de forma aberta. Já os níveis de impacto dos acontecimentos e das personalidades foram medidos através de escalas de 7 pontos (1=muito negativo; 7=muito positivo).

Níveis de identificação. Na terceira parte eram medidos os níveis de identificação do participante com diversos grupos. Dado o carácter comparativo desta pesquisa, foram medidos os níveis de identificação não só com os grupos de pertença dos participantes, mas também com outros grupos de comparação considerados relevantes no âmbito deste estudo. Assim, a cada participante foi solicitado que se pronunciasse sobre a sua identificação com 29 grupos. Os níveis de identificação foram medidos através de escalas de 7 pontos (1=nada identificado; 7=muito identificado).

Caracterização sociodemográfica. Finalmente foram colocadas questões sociodemográficas, como o sexo, idade, nacionalidade e naturalidade dos participantes, a língua materna e outras línguas faladas.

Nas secções seguintes iremos apresentar e discutir sumariamente os resultados obtidos no que respeita às representações da história. Trata-se de uma primeira análise meramente descritiva e, como já referimos, sem pretensões de generalização. A análise sistemática dos padrões e dos níveis de identificação dos inquiridos será efectuada num trabalho posterior.

Os resultados obtidos em Portugal e em Timor-Leste vão ser apresentados e discutidos simultaneamente, para facilitar uma análise comparativa. Por limitações de espaço, nas

tabelas de resultados estão indicados apenas os dez acontecimentos ou personalidades considerados mais importantes (*Top10*) em cada uma das amostras. No entanto, sempre que se justifique faremos referência ao longo do texto a outros acontecimentos ou personalidades evocados pelos participantes.

De salientar ainda que na designação dos acontecimentos ou personalidades[5] será adoptada a terminologia mais frequentemente referida pelos participantes. Sempre que se justifique poderemos adoptar diferentes designações para o mesmo acontecimento para indicar que este não é designado de forma consensual.

De referir ainda que nas tabelas apresentamos as percentagens de evocação global de cada acontecimento ou personalidade, agrupando os dados das cinco evocações efectuadas por cada participante (recordamos que o questionário solicitava cinco evocações para cada questão: 5 acontecimentos mundiais, 5 personalidades mundiais, 5 acontecimentos nacionais e 5 personalidades nacionais).

Representações da História Universal: Factos e Figuras

A Tabela 1 apresenta os dez acontecimentos mais referidos pelos jovens em Portugal e em Timor. Como podemos constatar, verificam-se algumas convergências em ambos os países relativamente aos acontecimentos considerados mais importantes na história da humanidade.

Tanto em Portugal com em Timor as guerras e conflitos são os acontecimentos mais evocados. Em Portugal o destaque vai para a II Guerra Mundial (79,7%) e a I Guerra Mundial (58,5%), seguindo-se a Guerra do Iraque (11,9%)[6]. Em Timor, embora a II Guerra Mundial e a I Guerra Mundial também estejam entre os dez acontecimentos mais evocados, o destaque vai para a Guerra do Iraque (69,8%), que surge em primeiro lugar na lista de acontecimentos mundiais. O conflito Israelo-árabe também merece maior destaque na amostra timorense (12,5%) do que na amostra portuguesa (3,3%).

Apesar do questionário remeter para os últimos mil anos da história universal,

[5] No caso dos dados timorenses tivemos uma dificuldade adicional no que respeita às personalidades e que se deveu ao nosso desconhecimento inicial dos diversos nomes de código usados pelos heróis da resistência timorense. De facto, na altura em que procedemos ao tratamento de dados ainda não estava disponível a lista de nomes de código recentemente publicada pelo historiador José Mattoso (2005, 24-26).

acontecimentos muito recentes, como a Guerra do Iraque (11,9% dos portugueses e 69,8% dos timorenses) e os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 (28% dos portugueses e 37,5% dos timorenses) obtiveram considerável destaque em ambos os grupos.

Enquanto o padrão de resultados dos portugueses é muito semelhante ao encontrado por Liu e colaboradores (Liu, 1999; Liu *et al*., 2005) em estudos efectuados em doze países, o timorense difere consideravelmente. Na compreensão do padrão de resultados dos timorenses temos que ter presente que este reflecte os assuntos da actualidade do momento em que o questionário foi aplicado: em Novembro de 2004 G.W. Bush é reeleito Presidente dos Estados Unidos da América, após uma intensa campanha baseada no lema do "combate ao terrorismo global", sendo a "Guerra do Iraque" um dos assuntos mais polémicos da campanha presidencial[7].

O *slogan* usado na campanha de Bush, "war on terror"[8], através do qual se justifica a importância do Guerra no Iraque e o derrube de Saddam Hussein, parece ter tido um impacto particular nos jovens timorenses. Para além da Guerra do Iraque e do 11 de Setembro de 2001, os jovens timorenses referem ainda com grande destaque o "terrorismo global" (29,2%) e alguns atentados terroristas específicos, nomeadamente os ocorridos na vizinha Indonésia ("terrorismo em Bali"; "terrorismo em Jakarta"), mas também os ocorridos em 2004 noutras partes do mundo ("terrorismo na Rússia"; "terrorismo em Madrid").

Para o grande destaque do terrorismo contribuíram factores de ordem cognitiva (a recência dos acontecimentos e a sua permanente reactualização nos média), mas também factores de ordem motivacional, já que os participantes timorenses parecem ter efectuado uma associação entre os ataques terroristas noutras partes do globo e os massacres ocorridos no seu próprio território[9]. A referência constante aos grupos "islâmicos radicais" poderá ter contribuído para esta forte associação.

Também em Novembro de 2004 o conflito Israelo-árabe teve uma ampla cobertura nos média, devido ao estado de saúde muito crítico em que se encontrava Yasir Arafat, que veio a

---

[6] Entre os portugueses que referem o conflito no Iraque, 53% designam-o como "Guerra do Iraque" e 47% como "Invasão do Iraque". Em Timor apenas a designação "Guerra do Iraque" é utilizada.

[7] Ver, por exemplo, a transcrição do primeiro debate televisivo durante a campanha, 30/09/2004, entre G.W. Bush e John F. Kerry, moderado por Jim Lehrer (PBS); http://www.washingtonpost.com/wp-srv/politics/debatereferee/debate_0930.html).

[8] De referir que o primeiro registo do *slogan* "war on terror" na imprensa ocidental data dos finais dos anos quarenta do século XX, usado pelo Reino Unido para responder às críticas sobre o seu mandato na Palestina. Para uma discussão sobre o uso deste *slogan* ver http://news.bcc.co.uk/go/4719169.stm. Neste debate, como em muitas outras ocasiões, a referência aos grupos "muçulmanos islamicos radicais" ("radical Islamic Muslins") é constante.

[9] Este assunto será explorado em mais detalhe noutro trabalho, através de uma análise estrutural das representações sociais.

falecer em Dezembro desse mesmo ano.

- Tabela 1 –

Resumindo, como se pode observar a influência da globalização e dos meios de comunicação é muito notória nos resultados de ambos os grupos, embora o impacto dos assuntos da actualidade seja mais visível nos resultados dos timorenses. Apesar destas convergências de resultados obtidos com estudantes timorenses e portugueses, as pertenças nacionais desempenham importante papel na evocação dos acontecimentos da história universal. Como podemos observar, ambos os grupos colocam acontecimentos da sua história nacional como sendo importantes para a história universal.

Os portugueses destacam dois acontecimentos: os “descobrimentos portugueses” e o 25 de Abril de 1974. Para os portugueses, os descobrimentos surgem em quarto lugar (26,3%) na listagem dos acontecimentos mais importantes para a humanidade, enquanto que para os timorenses estes surgem em 21º lugar (4,2%).

Para os portugueses, o 25 de Abril de 1974 obtém igualmente um lugar de destaque entre os acontecimentos mais importantes na história universal (24,6%). Assim, os portugueses destacam dois acontecimentos relativos à sua história nacional no *Top10* da história universal. Em ambos os casos se trata de acontecimentos que envolvem não só a história nacional de Portugal, mas a história de outros grupos nacionais, já que estes são os momentos que assinalam o início do império e o seu fim, com o processo de descolonização que se seguiu ao 25 de Abril, como já salientámos anteriormente.

Paralelamente, os timorenses colocam três acontecimentos da sua história nacional no *Top10* da história universal: o “massacre de Santa Cruz”(18,8%), a “independência de Timor” (15,6%) e a “invasão indonésia” (8,3%). De salientar que a “independência de Timor” (2,5%) e o massacre de Santa Cruz (“massacres no cemitério Díli”: 1,7%) também foram referidos pelos portugueses como grandes acontecimentos mundiais, embora muito menor proporção de evocações.

Para os timorenses a Declaração Universal dos Direitos Humanos (10 de Dezembro de 1948) está entre dez acontecimentos mais importantes na história universal (7,3%) enquanto que para os portugueses este acontecimento obtém menor destaque (5,1%). De salientar que as referências a questões relacionadas com os direitos das minorias sociais (“direitos das

mulheres", "direitos das crianças", "direitos dos negros") são referidas com maior frequência pelos participantes timorenses do que pelos portugueses[10]. Também as violações aos direitos humanos obtém particular destaque nas respostas dos timorenses, tendo os jovens efectuados referências directas a esta problemática ("genocídios"; "violação dos direitos humanos"; "violência doméstica"; "violência sexual", etc.). Na interpretação destes dados, é pertinente ter em conta os acontecimentos violentos e traumáticos da história recente de Timor, dos quais estes jovens timorenses têm experiência directa ou muito próxima.

Tal como nos resultados encontrados noutros países (Liu, 1999), tanto em Portugal como em Timor se verifica uma predominância de eventos políticos face a outro tipo de eventos (científicos, ambientais, etc.). No entanto, no que respeita aos grandes grupos temáticos registam-se algumas assimetrias entre os dois grupos: os acontecimentos ligados a questões humanitárias são mais destacados pelos timorenses, como ilustrámos atrás, mas também os ligados a questões económicas e sociais (por exemplo: "crise económica", "pobreza", "fome", "analfabetismo", etc.), o que remete para o grande peso das situações objectivas de precariedade socioeconómica nas respostas dos jovens. Também são mais destacadas pelos timorenses as questões relativas à saúde pública ("HIV/AISD", "doenças", "doença das aves na Ásia", etc.) e aos desastres naturais ("terramotos", "tempestades", "chuvas prolongadas", "incêndios").

Em contrapartida, os jovens portugueses dão maior destaque às conquistas tecnológicas do que os timorenses, referindo-se nomeadamente à descoberta da "electricidade" e à invenção de diversos bens de consumo e as novas tecnologias de comunicação ("computador", "televisão", "Internet", "automóvel", "avião", etc.).

Assim, as repostas dos timorenses espelham os condicionalismos ligados ao facto de este ser um dos países mais pobres da Ásia. No último relatório do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), Portugal surge em 27º lugar (0.904) enquanto Timor surge em 140º lugar (0.505), no ranking incluindo 177 países do mundo (http://hdr.undp.org/reports/global/2005/pdf/HDR05_HDI.pdf).

Verificamos que se é inegável a existência de representações hegemónicas sobre a história universal, também é notória a influência do posicionamento dos grupos nacionais nessa história e os seus recursos, simbólicos e materiais. Neste estudo verificamos que cada

[10] Neste aspecto os resultados timorenses vão ao encontro dos obtidos no Brasil, em Salvador da Bahia (ver Cabecinhas, Lima e Chaves, in press).

grupo nacional atribui grande relevância à sua própria história, no contexto da história universal.

A influência da globalização é notória, mas será que a os laços históricos que unem os países da CPLP também se fazem notar nos resultados? Embora tal não seja visível na Tabela 1, uma vez que apenas os primeiros dez acontecimentos são apresentados, verificam-se em ambos os países registos que se remetem para a relação entre os países da CPLP.

Assim, como já referimos, os portugueses incluem na lista dos grandes acontecimentos mundiais os "massacres no cemitério Díli" (1,7%), a "independência de Timor" (2,5%), mas também o "Brasil Campeão Mundial 2002" (1,7%). Por seu turno, os timorenses incluem diversos acontecimentos relativos a Portugal e a outros países de língua oficial portuguesa entre os grandes acontecimentos mundiais: "descobrimentos portugueses" (4,2%); "25 de Abril de 1974" (4,2%); "Euro 2004" (4,2%); "Guerra em Angola" (3,1%); "Evangelização de Timor" (3,1%); "Milagres de Fátima" (2,1%)[11].

As referências ao "mundo lusófono" fazem-se sentir nos resultados dos timorenses, totalizando 6,5% do total de evocações de acontecimentos mundiais, mas qual o seu peso face às referências aos países asiáticos, e muito em particular à Indonésia? Para além dos atentados terroristas em Bali e em Jacarta, aos quais já fizemos referência, os timorenses consideram ainda a "guerra em Aceh", a "corrupção na Indonésia" e as "eleições presidenciais na Indonésia" (ocorridas em Outubro de 2004), como importantes acontecimentos mundiais, totalizando 7,3% das evocações. As referências a outros países asiáticos são menores (2,1% do total de evocações), não havendo nenhuma referência ao outro grande país vizinho, a Austrália.

Por seu turno, nos resultados dos portugueses as referências aos outros países da CPLP, em acontecimentos que não envolvem directamente Portugal, totalizam apenas 1,5% das evocações, percentagem muito menor do que a verificada em Timor (6,5%). Não há nas respostas dos portugueses qualquer referência a países asiáticos, com excepção dos acontecimentos que envolvem conflitos com em que participaram países ocidentais (por exemplo: "Bomba atómica"; "Guerra do Vietname").

Assim, os portugueses focalizam-se quase exclusivamente nos acontecimentos que envolvem directamente os países ocidentais (Europa e Estados Unidos da América) ou nos acontecimentos relativos ao seu antigo "império colonial". Em contrapartida, nos timorenses

[11] A "Conversão da Rússia ao Cristianismo" (2,1%) surge igualmente na lista dos grandes acontecimentos da história universal, o que se prende com a grande influência da Igreja Católica em Timor.

são notórias as influências não só da globalização, ou melhor dizendo "ocidentalização", mas também as influências da ocupação indonésia e da colonização portuguesa. De salientar que os jovens timorenses que participaram neste estudo nasceram durante a ocupação indonésia e efectuaram o ensino secundário em língua indonésia, tendo optado pelo ensino universitário em português[12], constituindo por isso uma minoria.

A memória dos acontecimentos está sempre impregnada de emoções que conferem a cada evento uma conotação particular. A fim de verificarmos quais as emoções que portugueses e timorenses associam às suas memórias da história da humanidade comparámos as suas respostas relativamente a cada um dos acontecimentos considerados mais relevantes. Os resultados indicam que existe forte semelhança na conotação emocional dos acontecimentos nos dois países. As guerras são sentidas com *tristeza*, *revolta*, *vergonha* e *frustração*. Os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 originam *revolta*, *frustração*, *perplexidade* e *medo*.

Os "descobrimentos portugueses" suscitam nos portugueses emoções positivas (*orgulho*, *alegria*, *felicidade* e *fascínio*) enquanto que nos timorenses suscitam emoções mais moderadas (*contente*). A "independência de Timor" suscita emoções positivas em ambos os grupos (*orgulho*, *alegria*, *felicidade*) e o "massacre de Santa Cruz" emoções negativas em ambos os grupos, mas enquanto os portugueses mencionam *revolta* e *tristeza*, os timorenses referem um largo espectro de sentimentos negativos, o que reflecte o carácter traumático de um acontecimento que viveram na sua adolescência: *revolta, medo*, *nervoso*, *zangado*, *pânico*.

Na sua globalidade, estes resultados confirmam outros encontrados na literatura (e.g., Liu e Hilton, 2005; Namer, 1983), demonstrando que a tonalidade emocional de um acontecimento depende das pertenças sociais, políticas, geográficas e económicas dos grupos envolvidos.

Paralelamente ao que se verificou relativamente aos acontecimentos, na Tabela 2 podemos constatar alguma convergência em ambos os países relativamente às personalidades consideradas mais importantes na história da humanidade, ainda que neste caso se acentuem

---

[12] Ao abrigo de um Programa de Cooperação, desde Outubro de 2001 são ministradas na Universidade Nacional de Timor Lorosa'e (UNTL) cinco licenciaturas coordenadas pela Fundação das Universidades Portuguesas nas seguintes áreas: Formação de Professores de Português, Engenharia Informática, Engenharia Electrotécnica, Economia/Gestão e Ciências Agrárias (www.fup.pt). Este programa abarca cerca de 500 alunos dos 7000 da UNTL, sendo os restantes cursos ministrados, actualmente, em língua indonésia.

as divergências entre os dois grupos. Como já foi referido, tais divergências devem-se, em parte, ao facto da recolha de dados não ter sido efectuada no mesmo período em ambos os países, o que determinou a utilização de diferentes "âncoras" para pensar a história universal. Enquanto para os portugueses a "âncora" foi a II Guerra Mundial, para os timorenses foi o terrorismo e a Guerra do Iraque, ambos extremamente salientes cognitivamente pela recente reeleição de G. W. Bush.

Nos dados portugueses Hitler surge como o grande *vilão* da história universal, sendo de longe a personalidade mais referida (77,1%), o que vai ao encontro dos resultados encontrados nos outros países (Liu *et al.*, 2005). Também à semelhança dos resultados obtidos noutros países, a maior parte das personalidades referidas são governantes e políticos. Do conjunto das personalidades mundiais evocadas pelos portugueses, a maior parte das personalidades no *Top10* são homens brancos, oriundos de países ocidentais (Europa ou Estados Unidos da América).

Em contrapartida, nos dados timorenses Bin Laden lidera a tabela (65,6%), sendo-lhe atribuído o papel de *vilão* na nova ordem universal, baseada no medo do "terrorismo global", enquanto Hitler é remetido para 12º lugar (16,7%). De salientar que em ambos os grupos se verifica uma forte associação entre a Bin Laden e G.W. Bush (e em menor grau Saddam): todos os portugueses que referiram Bin Laden também referiram Bush (ambos com 16,1%); quase todos os timorenses que referiram Bin Laden também referiram Bush, que ocupa o 2º lugar na lista das personalidades mundiais (52,1%). Por seu turno, Saddam é referido em 9º lugar pelos portugueses[13] e em 5º lugar pelos timorenses.

Ambos os grupos destacam João Paulo II (26,3% dos portugueses e 17,7% dos timorenses) entre as grandes personalidades mundiais. O facto de a Igreja Católica Apostólica Romana ser maioritária em ambos os países contribuiu seguramente para este resultado, tendo João Paulo II efectuado visitas oficiais em ambos os países, quatro a Portugal e uma a Timor-Leste, durante o seu pontificado.

Este destaque é particularmente evidente em Portugal, onde João Paulo II surge como a segunda personalidade mundial. Este resultado pode parecer estranho se tivermos em conta a grande "veneração" do povo timorense por João Paulo II e o facto da sua visita a Díli, onde celebrou uma missa a 12 de Outubro de 1989, quando Timor era ainda um território ocupado

[13] De recordar que os dados portugueses foram recolhidos antes da captura de Saddam (ocorrida em Dezembro de 2003).

pela Indonésia, ser considerada um marco na luta timorense pela independência (www.semanario.tp).

Mais uma vez, na nossa opinião, o maior destaque obtido por João Paulo II em Portugal relativamente a Timor deve-se ao momento de recolha de dados. Recordamos que os dados em Portugal foram recolhidos em Outubro de 2003, mês em que se comemoraram os 25 anos do pontificado de João Paulo II, acontecimento que teve grande cobertura mediática em Portugal. Foram organizadas em Portugal diversas actividades comemorativas, com elevados níveis de participação da população. A recência deste acontecimento, pode ter aumentado a saliência desta personalidade em Portugal.

Foram ainda evocadas outras personalidades envolvidas em causas humanitárias, destacando-se Nelson Mandela, que o ocupa o sexto lugar em ambos os grupos (referido por 17% dos portugueses e 21,9% dos timorenses).

- Tabela 2 --

Como podemos constatar na Tabela 2, todas as pessoas no *Top10* das personalidades mundiais são homens, à excepção da Madre Teresa de Calcutá, sendo esta evocada por 18,6% dos portugueses e 6,3% dos timorenses. Este padrão de resultados, fortemente androcêntrico foi também encontrado nos outros países (Liu *et al*., 2005).

De referir que a percentagem total de evocações de personalidades femininas é muito baixa tanto em Portugal como em Timor (cerca de 5% do total de evocações), à semelhança do que acontece noutros países. A segunda mulher mais evocada foi a *Princesa Diana*[14] (5,6% dos portugueses e 8,3% dos timorenses). Em Portugal são ainda evocadas Joana d'Arc, Margaret Thatcher e Marie Curie (todas com 1,7%) e em Timor são evocadas Aung San Sun Kyi (designada como a "Senhora da Birmânia"), Mary Robinson e Megawati (todas com 2,1%).

Tendo em conta que a maior parte dos participantes neste estudo são mulheres, este padrão de resultados ilustra claramente os limites de considerar apenas as pertenças grupais na sua interpretação, já que tanto os homens como as mulheres projectam nas suas respostas a

[14] De referir que Diana é também a segunda mulher mais referida na maior parte dos países onde foi efectuado este estudo. Tal facto demonstra bem o peso dos *media* na estruturação das memórias colectivas. De referir ainda que se verifica uma forte associação entre a Princesa Diana e a Madre Teresa, sendo evocadas quase sempre conjuntamente. Tal pode dever-se ao facto de ambas terem falecido no mesmo ano e ambas serem associadas a acções humanitárias, como nos referiram

internalização da dominação simbólica masculina (Amâncio, 1994). No entanto, a influência do grupo de pertença não deixa de ser patente nos resultados, já que em ambos os países as escassas referências a personalidades femininas são efectuadas quase exclusivamente por mulheres, tal como se verificou nos dados recolhidos no Brasil (Cabecinhas, Lima e Chaves, in press).

Apesar destas convergências de resultados obtidos com estudantes timorenses e portugueses, mais uma vez é possível observar claramente o impacto das pertenças identidades nacionais na evocação das personalidades da história universal.

Os portugueses colocam Salazar (24,6%) e Vasco da Gama (10,2%) no *Top10* das personalidades mundiais. Outros portugueses são também considerados personalidades com impacto na história da humanidade, entre os quais se destacam Camões (6,8%) e Afonso Henriques (5,9%). De referir que a única referência a personalidades de outros países da CPLP é a Xanana Gusmão, que é colocado pelos portugueses em 24º lugar (5,1%), *ex-aequo* com Gorbachov e Napoleão.

Os participantes timorenses também colocaram duas personalidades nacionais no *Top10* das personalidades mundiais: Xanana Gusmão (36,5%), líder histórico da resistência timorense e actual Presidente da República Democrática de Timor-Leste; e Ximenes Belo (19,8%), ex-Bispo de Díli, considerado como porta-voz da causa do povo timorense, tendo recebido, juntamente com Ramos Horta, o Prémio Nobel da Paz em 1996. Outras personalidades timorenses são mencionadas como personalidades mundiais, entre as quais se destacam Nicolau Lobato (5,21%), Presidente da FRETINLIN, morto em combate em 1978; *liurai*[15] Boaventura (3,1%), que comandou a mais célebre rebelião contra o pagamento de impostos aos portugueses, conhecida como a Guerra de Manufahi; Mari Alkatiri (3,1%), actual Primeiro Ministro; e Ramos Horta (3,1%), actual Ministro de Estado dos Negócios Estrangeiros e Cooperação.

Outras personalidades, directa ou indirectamente, ligadas à história de Timor são colocadas pelos timorenses entre as dez mais importantes pessoas na história universal: Kofi Annan (34,4%), Secretário Geral das Nações Unidas desde 1996; Suharto (19,8%), Presidente da Indonésia entre 1968 e 1998; e Sérgio Vieira de Melo (17,7%), Administrador Transitório

algumas jovens timorenses em entrevistas exploratórias (evocando sobretudo a campanha protagonizada por Diana em Angola conta as minas anti-pessoais).

[15] Chefe tradicional timorense, "título normalmente hereditário" (Mattoso, 2005: 9).

da ONU em Timor, entre 1999 e 2002[16].

São ainda mencionadas outras personalidades relacionadas com a história de Timor, embora com menor destaque: Bill Cliton (6,3%), ex-Presidente dos Estados Unidos da América, que durante o seu mandato realizou várias acções em favor da causa timorense; General Wiranto (6,3%), comande militar indonésio, acusado em 2003, pela Unidade de Crimes Graves da ONU, de crimes contra a humanidade cometidos em Timor em 1999; Habibie (4,2%), Presidente da Indonésia de 1998 a 1999, e que permitiu a realização do referendo pela autodeterminação de Timor. Registaram-se igualmente referências a Sukarno (2,1%), que declarou em 1945 a independência da Indonésia e viria a tornar-se o seu primeiro Presidente, entre 1948 e 1968, e à sua filha, Megawati Sukarnoputri (2,1%), Presidente da Indonésia entre 2001 e 2004. De referir que Megawati esteve presente na cerimónia da restauração da independência a 20 de Maio de 2002.

Verificamos assim que diversas personalidades indonésias foram consideradas pelos timorenses como personalidades mundiais: Suharto, Wiranto, Habibie, Megawati, Sukarno. Todas estas personalidades, à excepção de Sukarno[17], estiveram envolvidas na história recente de Timor. De entre as diversas personalidades indonésias evocadas pelos participantes, Suharto e Wiranto são os que suscitam emoções mais negativas enquanto Sukarno e Megawati suscitam emoções positivas.

Embora com menor expressão, os jovens timorenses fazem referências a algumas personalidades portuguesas. Mas, neste caso, não são os actores recentes da história que são evocados: Camões (4,2%), Vasco da Gama (4,2%) e Salazar (2,1%). À excepção de Salazar, as personalidades portuguesas evocadas suscitam emoções positivas. De salientar que as escassas referências a portugueses são efectuadas pelos estudantes da licenciatura em Ensino de Português. Quanto a personalidades de outros países de CPLP, para além de Portugal, a

[16] Terminada a sua missão em Timor, Sérgio Vieira de Melo foi nomeado Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, em Setembro de 2002. Em maio de 2003, foi indicado pelo Secretário Geral das Nações Unidas, Kofi Annan, como seu Representante Especial no Iraque, onde foi morto num atentado terrorista, em Bagdad, a 19 de Agosto de 2003. De referir que 3,13% dos timorenses inquiridos colocaram o atentado que vitimou Sérgio Vieira de Mello entre os grandes acontecimentos da história da humanidade. Curiosamente, não há qualquer referência a esta personalidade nem a este acontecimento nos dados recolhidos no Brasil nem em Portugal, embora este acontecimento fosse muito recente na altura em que os dados foram recolhidos em ambos os países (respectivamente, Novembro e Outubro de 2003). Para uma análise comparativa Brasil – Portugal ver Cabecinhas, Lima e Chaves, in press.

[17] Pramoedya Ananta Toer, escritor indonésio em entrevista no Expresso em 13 de Julho de 1999 afirma: "Aquilo que aconteceu em Timor-Leste em 1975, com a ocupação e a posterior repressão, não é nada menos que uma traição aos princípios dos fundadores da Indonésia moderna e independente. Sukarno, o pai da pátria, nunca considerou Timor-Leste como parte integrante da Indonésia; para ele, o território da Indonésia correspondia exactamente à colónia holandesa, «de Sabang a Merauke». Assim, depois de 1975, a Indonésia tornou-se duma antiga colónia numa potência colonial, o que foi

única evocada é o brasileiro Sérgio Vieira de Mello, ao qual já fizemos referência.

Resumindo, apesar do questionário remeter para os últimos mil anos da história universal, acontecimentos muito recentes, como os atentados terroristas de 11 de Setembro de 2001 e a invasão do Iraque em 2003, conduziram à grande saliência das personalidades associadas a estes acontecimentos – George W. Bush, Bin Laden e Saddam Hussein - tanto para os portugueses como para os timorenses. Para além destas personalidades, que evidenciam o grande impacto da globalização e dos meios de comunicação, cada país faz referência a algumas personalidades da sua história nacional como sendo personalidades de impacto mundial. No caso dos timorenses, não só foram destacadas personalidades timorenses, como também os altos funcionários da ONU envolvidos no processo de paz e de transição democrática, assim como personalidades indonésias e portuguesas.

Tal como a memória dos acontecimentos, a evocação das personalidades também está impregnada de emoções. Os resultados indicam que existe forte semelhança na conotação emocional associada às personalidades mundiais evocadas por ambos os grupos. Hitler, Bin Laden e Saddam Hussein surgem como os grandes *vilões*, tanto para portugueses como para timorenses, sendo-lhes associadas emoções fortemente negativas: revolta, repulsa, ódio, medo. Os *heróis* consensuais são os que lutaram por causas humanitárias – Nelson Mandela e Madre Teresa de Calcutá -, sendo-lhes associadas emoções fortemente positivas: admiração, orgulho e simpatia. Heróis consensuais para ambos os grupos são também Xanana Gusmão e João Paulo II: tanto portugueses como timorenses consideram que estas personalidades tiveram um impacto muito positivo na história da humanidade (M=6,8) e declaram sentir *admiração*, *orgulho* e *gratidão*.

Representações da História Nacional: Factos e Figuras

No que respeita aos acontecimentos da história nacional de cada um dos países, o tipo de memórias históricas evocadas difere consideravelmente em Portugal e em Timor. A principal diferença prende-se com a recência dos acontecimentos evocados e a sua tonalidade emocional. Embora ambos os grupos privilegiem acontecimentos recentes em detrimento dos

não só um acto estúpido, como também um acto desumano” (http://primeirasedicoes.expresso.clix.pt/ed1396/r0801.asp?r0741,r0801&rel).

mais distantes temporalmente, o que se justifica facilmente pela sua maior acessibilidade cognitiva, no caso dos timorenses essa focalização no passado muito recente é muito mais notória. Para tal terá contribuído seguramente o carácter traumático dos acontecimentos. Em contrapartida, os portugueses evocam o "glorioso" passado distante, correspondente à época dos descobrimentos.

- Tabela 3 –

Como podemos observar na Tabela 3, os acontecimentos que assinalam a independência nacional assumem um lugar de destaque em ambos os países. Os portugueses referem a Fundação do estado português (1143; quando Afonso Henriques protagoniza a ruptura política com o Reino de Leão e é proclamado Rei) e a Restauração da independência (1640; quando Portugal recupera a independência, após 80 anos de domínio espanhol). Ambos os acontecimentos são considerados muito positivos pelos participantes (M=6,75) e a eles são associadas emoções positivas.

Por seu turno, os timorenses referem a [restauração da] independência de Timor-Leste[18] (45,8%), a 20 de Maio de 2002, e os diversos acontecimentos que a precederam: o referendo de 1999 (43,8%) e o Prémio Nobel da Paz (14,6%), atribuído a Ximenes Belo e a Ramos Horta em 1996. A independência de Timor é o acontecimento que os participantes consideram como o mais positivo da história do país (M=6,95), seguido da atribuição do Prémio Nobel da Paz (M=6.91). O referendo de 30 de Agosto de 1999 obtém uma avaliação positiva, mas mais baixa (M=5,78), isto porque alguns participantes efectuam uma associação entre o referendo e as suas consequências imediatas: o "Setembro negro" de 1999 (M=1,5), que se traduziu em massacres, violações, pilhagens e incêndios.

O acontecimento que merece maior destaque para os jovens timorenses é o "massacre de Santa Cruz" (78,1%), ocorrido a 12 de Novembro de 1991. Nesse dia, o exército indonésio abriu fogo sobre milhares de manifestantes pacíficos, que se dirigiam ao cemitério de Santa Cruz para homenagear Sebastião Gomes, jovem timorense assassinado duas semanas antes na igreja de Motael. Estima-se que este massacre resultou em cerca de 300 mortos. As filmagens do massacre efectuadas pelo jornalista Max Stahl, percorreram o mundo, dando origem à maior campanha de denúncia do genocídio contra o povo de Timor-Leste, aumentando as

[18] A maior parte dos timorenses coloca simplesmente a data do acontecimento "20 de Maio de 2002", outros referem a "Independência de Timor 2002" e outros referem a "Restauração da Independência 2002".

pressões sobre os principais organismos internacionais com vista à resolução da questão de Timor.

As divergências mais notórias no padrão de resposta dos portugueses e timorenses registam-se na evocação e tonalidade emocional associada aos acontecimentos relacionados com os descobrimentos, o colonialismo e a descolonização.

Os portugueses colocam os descobrimentos como o segundo evento mais importante da sua história nacional, com uma percentagem de evocações muito próxima da do 25 de Abril de 1974 (respectivamente, 79,7% e 80,5%). Ambos os acontecimentos são considerados pelos participantes como muito positivos (respectivamente: M=6,58 e M=6,41).

Tendo em conta que os descobrimentos constituem um acontecimento bastante remoto, a sua elevada saliência deve-se ao facto de este ser constantemente reactualizado nos manuais escolares e nos *media*, onde é apresentado como o momento mais "glorioso" da história nacional. A este propósito é salientar os resultados obtidos por Miranda (2002), em que os jovens portugueses valorizam sobretudo a sua "História" face a outros elementos de comparação com os outros países.

As questões ligadas à colonização e descolonização merecem particular destaque nos dados portugueses: colonialismo (16,1%); descolonização (16,1%); Guerra Colonial (10,2%). Contrariamente aos descobrimentos, cujo impacto na história nacional é considerado consensualmente positivo (M=6,41), o colonialismo é avaliado negativamente (M=2,18), sendo a Guerra Colonial considerada o acontecimento mais negativo da história nacional (M=1,27), ambos suscitando emoções fortemente negativas. Por seu turno, a "descolonização" afigura-se como o acontecimento mais polémico, uma vez que as opiniões sobre a sua valência cobrem todo o espectro da escala, desde as mais positivas às mais negativas, o que dá origem a uma média de valência que, embora negativa, pouco se distância do ponto neutro da escala (M=3,53).

Os timorenses fazem referência à "colonização portuguesa" (11,5%) como um dos acontecimentos mais importantes na história nacional e também, embora com menor destaque, à "evangelização de Timor" e à "chegada dos missionários portugueses" (5,2%).

Os timorenses avaliam o "colonialismo português" de forma negativa (M=2,3), no entanto, avaliam de forma muito positiva a "chegada dos missionários portugueses" e a "evangelização portuguesa" (M=6,8). Assim, constata-se de forma clara uma ambivalência em relação da presença portuguesa no território dependendo da "âncora" que é activada no

contexto particular: a “sobreexploração dos recursos naturais” é avaliada negativamente, mas a “evangelização” é avaliada positivamente.

Os acontecimentos considerados mais negativos na história de Timor são a invasão do território pela Indonésia em 1975 (M=1,4) e os diversos massacres que ocorreram durante a ocupação indonésia, sendo os mais referidos, o massacre de Santa Cruz (1991), o massacre de Krarás (1983), o massacre de Likiça (1999), o massacre de Suai (1999), todos obtendo médias de valência muito negativas (M=1,4 e M=1,5) e suscitando emoções muito negativas: *medo*, *pânico*, *revolta*, *nervoso*.

A Guerra Civil em 1975 é também um dos acontecimentos avaliados mais negativamente (M=1,7). É ainda dado considerável destaque à “tragédia 4 de Dezembro de 2002” (M=2,2), o que provavelmente se deve à recência do acontecimento e ao facto de se ter registado uma reincidência no mesmo dia em 2003. Tendo em conta a juventude dos inquiridos é natural que os acontecimentos que eles próprios presenciaram recentemente estejam muito mais disponíveis em memória e por isso sejam mais facilmente evocados do que acontecimentos mais distantes do quais apenas “ouviram falar”.

A falta de uma historiografia nacional faz-se igualmente notar. Não é demais salientar a extrema dificuldade da tarefa que pedimos a estes jovens, já que os livros de história a que tiveram acesso durante o seu percurso escolar foram os livros indonésios e mais recentemente os livros portugueses, quando esta língua foi reintroduzida oficialmente no território. Mas falta uma história escrita pelos timorenses. Em algumas entrevistas exploratórias os jovens estudantes declaram não saber “o que está para trás”. Talvez por isso, as referências ao passado anterior à ocupação indonésia são pouco frequentes. Assim, por exemplo, a proclamação unilateral de independência a 28 de Novembro de 1975 foi evocada por 5,2% dos participantes e um acontecimento tão dramático como a invasão nipónica (de Fevereiro de 1942 a Setembro de 1945) durante a qual se estima tenham perdido a vida cerca de 50 000 timorenses, foi referida por 4,2% dos jovens.

Os únicos acontecimentos que são referidos como importantes na história nacional de ambos os grupos e que suscitam emoções diferenciadas são precisamente aqueles em que a história das duas nações está interligada. Já referimos que tanto os jovens portugueses como os jovens timorenses evocam a “colonização” atribuindo-lhe uma conotação negativa (respectivamente, M=2,2 e M=2,3). No contexto da história nacional, a colonização suscita

nos jovens portugueses *frustração*, *vergonha*, *revolta*, mas também *orgulho*. Por seu turno, os jovens timorenses declaram sentir-se *frustrados* e *zangados* com a colonização portuguesa.

Outro acontecimento referido por ambos os grupos é o 25 de Abril, referido por 80,5% dos participantes portugueses e 6,3% dos timorenses[19]. Enquanto nos portugueses o 25 de Abril suscita *admiração, alegria* e *felicidade*. Os timorenses referem emoções ambivalentes: *alegria*, *admiração* e *frustração*. Esta ambivalência verifica-se igualmente na evocação da Guerra de Manufahi (referida por 5,2% dos timorenses). A mais célebre revolta de timorenses contra os portugueses foi reprimida com "um banho de sangue em 1912" (Mattoso, 2005: 32). Os jovens timorenses referem sentir simultaneamente *orgulho* e *tristeza* face a este acontecimento.

Em contrapartida, a ocupação indonésia suscita consensualmente emoções muito negativas: *revolta*, *frustração*, *tristeza*, *medo*, *zanga*.

A Tabela 4 apresenta as personalidades mais referidas pelos participantes no âmbito da história nacional dos respectivos países. Como podemos observar, o padrão de resultados apresenta consideráveis divergências. A divergência mais notória diz respeito à valência avaliativa e à tonalidade emocional associadas às personalidades evocadas.

Em Portugal, apesar do muito apregoado pessimismo nacional (e.g. Gil, 2004), dentre as dez personalidades mais evocadas (*Top10*), todas são avaliadas de forma positiva, à excepção de António Oliveira Salazar, cujo impacto na história de Portugal é considerado muito negativo pelos jovens (M=2,25). No entanto, trata-se de longe a personalidade com maior percentagem de evocação (77,1%).

Em contrapartida, em Timor, cerca de metade das personalidades que figuram no *Top10* são *vilões* enquanto a outra metade são *heróis*. Xanana Gusmão é a personalidade mais evocada (85,4%), seguido dos laureados com o Prémio Nobel da Paz, Ximenes Belo (82,3%) e Ramos Horta (56,3%). A estas personalidades é atribuído um papel muito positivo na história de Timor (todos com médias de valência superiores a 6,5), o mesmo acontecendo com outros líderes religiosos (Basílio de Nascimento) ou políticos (Nicolau Lobato, Mário Carrascalão, Francisco Xavier Amaral) embora com médias de impacto mais baixas.

[19] São os estudantes mais velhos, frequentando o curso de formação de professores, que referem este acontecimento. Enquanto os participantes portugueses evocam o acontecimento referindo a data "25 de Abril de 1974" ou simplesmente "25 de Abril", os jovens timorenses evocam a "Revolução dos Cravos", sem referir a data. Passa-se um fenómeno paralelo no que respeita à independência de Timor: os timorenses referem-se maioritariamente à data "20 de Maio de 2002" enquanto os portugueses designam o acontecimento sem data "Independência de Timor".

As personalidades cujo impacto foi considerado mais negativo na história de Timor foram os líderes das milícias, Eurico Guterres (M=1,2) e João Tavares (M=1,2). Os jovens timorenses também atribuíram um impacto negativo a Abílio Osório e a Francisco Lopes da Cruz, embora não tão acentuado.

Ainda que não figurem no *Top10* não podemos deixar de mencionar outras das personalidades consideradas pelos jovens como tendo tido um impacto importante na história de Timor, seja ele positivo ou negativo. Assim, no pólo positivo destacam-se as referências aos líderes das FALINTIL (Forças Armadas da Libertação Nacional de Timor-Leste), que os jovens designam maioritariamente pelos seus nomes de código: Sahe (7,3%); Taur Matan Ruak (7,3%), Konis Santana (6,3%), Lu-Olo (5,2%), L-Sete (4,2%), David Alex (3,2%), entre outros com percentagens de evocação menores. A estes heróis, que lutaram pela libertação do seu povo, são associadas emoções muito positivas: *admiração*, *orgulho* e *gratidão*.

Entre as personalidades estrangeiras a quem é atribuído um impacto importante na história de Timor, destaca-se no pólo positivo Sérgio Vieira de Mello (4,2% das referências; média de impacto =6,7). No pólo negativo destacam-se Suharto (9,4%; média de impacto =1,3) e Wiranto (6,3%; média de impacto =1,3), a quem são atribuídas emoções negativas: *ódio*, *raiva*, *repulsa*, *medo*.

Em Portugal apenas uma mulher é colocada entre as dez mais importantes personalidades nacionais: a fadista Amália Rodrigues (1920-1999). Em Timor-Leste nenhuma mulher é colocada no *Top10*, no entanto, três personalidades nacionais femininas são destacadas: Rosa Muki Bonaparte (7,3%), fundadora da OPMT (Organização Popular das Mulheres Timorenses; 28 de Agosto de 1975) e que viria a ser assassinada pelas tropas indonésias; Olindina Maria Caeiro (3,2%); e Ana Pessoa (2,1%). No total as referências a personalidades nacionais femininas é muito baixa em ambos os países. Este padrão de resultados, fortemente androcêntrico, é semelhante ao que foi encontrado relativamente à história universal.

- Tabela 4 –

Resumindo, no caso dos portugueses, Salazar é a única personalidade colocada no *Top10* cujo impacto na história nacional foi considerado negativo, sendo atribuído às restantes personalidades um impacto positivo, com particular destaque para Camões, Eusébio, Afonso Henriques e Vasco da Gama. No caso dos timorenses, surgem no *Top10* personalidades com

tonalidade emocional claramente positiva ou claramente negativa.

Na listagem portuguesa os políticos estão em maioria, embora seja também dado lugar de destaque a poetas (Camões, Fernando Pessoa), navegadores (Vasco da Gama, Pedro Álvares Cabral) e a futebolistas (Eusébio e Luís Figo). Na listagem timorense os políticos constituem igualmente a maioria, sendo dado enorme relevo às personalidades associadas à luta pela independência do Timor-Leste, mas também aos que se opuseram a ela. Na listagem timorense os líderes religiosos obtêm considerável destaque (Ximenes Belo, Basílio de Nascimento), o que se prende com o papel decisivo da Igreja Católica timorense na luta pela independência do território (Cf: Mattoso, 2005).

Considerações Finais

O objectivo deste trabalho foi analisar o papel das pertenças nacionais na estruturação das memórias históricas de jovens portugueses e timorenses. No que respeita à história universal, as memórias evocadas pelos jovens evidenciam, por um lado, a influência do processo de "globalização" e, por outro, a influência da "proximidade", seja ela geográfica, cultural ou linguística.

Ao recordar a história da humanidade, os participantes de ambos os países evocaram um núcleo comum de acontecimentos e personalidades históricas, mas também acontecimentos e personalidades específicos das suas histórias nacionais. No caso específico dos jovens timorenses, os resultados evidenciam claramente a influência da ocupação indonésia na estruturação das memórias, mas também, embora em menor grau, a influência da pertença à comunidade lusófona. Este resultado é o reflexo da socialização formal a que foram submetidos estes jovens, já que fizeram quase todo o seu percurso escolar em língua indonésia e só mais recentemente começaram a ter contacto com a língua portuguesa, na universidade e através dos *media*[20]. Julgamos, no entanto, que os resultados teriam sido bem diferentes se o questionário tivesse sido redigido em tétum ou em malaio.

Apesar de os participantes terem sido chamados a pronunciar-se sobre os últimos mil anos da história da humanidade, verificou-se uma grande focalização no passado recente (sobretudo na história do século XX). Os acontecimentos e personalidades evocados

[20] No período em que realizámos este estudo havia apenas um jornal semanal em língua portuguesa "Semanário" (www.semanario.tp). Pouco depois de terminada a recolha de dados, foi inaugurado o Timor Contacto a 20 de Novembro de 2004 (ver http://programas.rtp.pt/canais-tv/rtpi/magazine.php?canal=5).

reflectem, como já salientámos, a grande influência processo de globalização, registando-se, imensas semelhanças com os resultados obtidos com jovens estudantes em outros países da América, Ásia, Europa e Oceânia (e.g., Cabecinhas *et al.*, in press; Liu *et al*., 2005).

Verifica-se uma focalização nos acontecimentos e personalidades com forte impacto emocional, seja ele positivo ou negativo. Nos dois países os grandes conflitos bélicos que marcaram a história do século XX e os atentados terroristas ocorridos no início do século XXI originaram o mesmo tipo de emoções negativas, ao passo que os eventos e as personalidades relacionados com as lutas pela auto-determinação dos povos, a promoção da igualdade e dos direitos humanos desencadeiam emoções positivas nos participantes de ambos os países.

Os temas predominantes em ambos os países são de natureza bélica e política: guerras, revoluções, terrorismo, genocídios. Na ênfase dada a outros temas verifica-se uma assimetria entre portugueses e timorenses: os portugueses dão maior relevo a problemáticas ligadas às novas tecnologias e aos bens de consumo (por exemplo, a invenção de meios transportes, novas tecnologias de informação e comunicação) enquanto que os timorenses dão maior destaque a questões humanitárias (Declaração Universal dos Direitos Humanos, etc.), a questões socioeconómicas (fome, pobreza, etc.), à saúde pública (Sida, gripe das aves, etc.) e às catástrofes naturais (terramotos, tempestades, etc.).

Tais resultados evidenciam o grande peso das situações objectivas de precariedade socioeconómica nas respostas dos jovens. Assim, as respostas dos timorenses espelham os condicionalismos ligados ao facto de este ser um dos países mais pobres da Ásia enquanto as respostas dos portugueses denunciam o estilo de vida consumista típico dos países mais desenvolvidos.

Em ambos os países se verifica um esquecimento das personagens femininas. As personalidades consideradas mais importantes são na sua esmagadora maioria homens, brancos e cristãos, oriundos de países ocidentais (América do Norte e Europa), especialmente no caso dos dados portugueses.

Paralelamente ao que se verificou nas evocações da história universal, os dados evidenciam também o silenciamento do papel das mulheres e outras minorias sociais na história nacional. No entanto, no caso dos timorenses é dado claro destaque às personalidades que se empenharam na luta pela independência, nomeadamente os guerrilheiros das FALINTIL. Os massacres sofridos pela população timorense, a luta contra a ocupação indonésia e a conquista da independência são os acontecimentos aos quais os jovens timorenses dão maior destaque no âmbito da sua história nacional.

Os descobrimentos são considerados como um dos acontecimentos mais importantes da história de Portugal, suscitando emoções consensualmente positivas nos jovens portugueses, o que denuncia a persistência da idealização deste período da história de Portugal, tal como tem vindo a ser evidenciado empiricamente por diversos autores (e.g. Sá, Oliveira e Prado, 2004; Vala e Saint-Maurice, 2004). No entanto, é importante ter em conta que os nossos resultados evidenciam não uma "idealização da colonização", mas uma "idealização dos descobrimentos", dos quais são desligados os efeitos nefastos da colonização.

Assim, como refere Lourenço (1990: 22), estamos perante uma "estranha permanência no seio da mudança" já que o império permanece no nosso imaginário. Na mesma linha de ideias, Alexandre (1999: 143-144) considera que o mito do luso-tropicalismo não se dissipou com a "queda do Império", continuando a circular de forma difusa, mesmo nas camadas mais jovens. Segundo o autor esta persistência deve-se, por um lado, "ao peso avassalador dos aparelhos ideológicos do *Estado Novo* na formação das mentalidades, com consequências a longo prazo" e, por outro, ao paralelismo entre o luso-tropicalismo e "algumas das ideias de fundo do nacionalismo português (a capacidade colonizadora, a faculdade de relacionamento harmonioso com os povos de outras raças, a missão civilizadora do país)".

Ao evocarem espontaneamente a "colonização" os participantes portugueses, tal como os timorenses, associam a esse acontecimento, sobretudo, emoções de tonalidade negativa.
Apesar de avaliarem o "colonialismo português" de forma negativa, os timorenses avaliam de forma muito positiva a "chegada dos missionários portugueses" e a "evangelização portuguesa". Assim, constata-se de forma clara uma ambivalência em relação da presença portuguesa no território dependendo da "âncora" que é activada no contexto particular: a "colonização" é conotada com exploração dos recursos naturais sendo avaliada negativamente, enquanto a "evangelização" é avaliada positivamente.

De um modo geral, os resultados encontrados neste estudo confirmam amplamente aos pressupostos adoptados de que a memória se constrói e se expressa socialmente, de tal maneira que tanto a codificação, quanto o armazenamento e a recuperação das informações são produtos das relações sociais dos indivíduos e grupos.

Embora tenhamos recolhido dados que nos permitem analisar os padrões de identificação dos participantes com diversos grupos (nacionais, supranacionais, étnicos, etc.) e averiguar a relação entre os padrões de identificação dos participantes e a vivência emocional das memórias históricas, essa é uma análise complexa que ainda não concluímos. Com base

em análises complementares destes dados e também com a recolha de novos dados, pretendemos explorar de forma mais sistemática o papel da identidade social na estruturação das memórias.

Neste trabalho efectuámos apenas comparações em função das pertenças nacionais. A sua continuidade exige o aprofundamento das questões de género, grupo étnico e geração. Como já referimos, neste estudo participaram apenas jovens, cujos dados não podem ser extrapolados para a população em geral.

Na interpretação dos dados que aqui apresentamos não podemos esquecer que estes são o fruto de um determinado momento histórico: os dados foram recolhidos num dado "espaço" e num dado "tempo" e esses elementos, como salientou Halbwachs, são fundamentais na estruturação das memórias colectivas.

Como refere Sousa Santos (1987/2001), toda a ciência é datada e localizada. O nosso trabalho não constitui excepção. Os resultados obtidos em Portugal e em Timor evidenciam claramente que as memórias históricas possuem elementos de consenso e de conflito, não podendo ser desligadas da estrutura social e do contexto particular em que são activadas.

Referências bibliográficas

Alexandre, V. (1999). O Império e a ideia de raça (séculos XIX e XX). In J. Vala (Coord.). *Novos Racismos: Perspectivas Comparativas* (pp. 133-144). Oeiras: Celta.

Amâncio, L. (1994). *Masculino e Feminino: A Construção Social da Diferença*, Porto, Afrontamento.

BCC (2005). "War on terror". http://news.bcc.co.uk/go/4719169.stm.

Bourdieu, P. (1979). *La Distinction*. Paris: Minuit.

Cabecinhas, R., Lima, M., & Chaves, A. (in press). "Identidades nacionais e memória social: hegemonia e polémica nas representações sociais da história". In: M. I. João e J. Miranda (Org.) *Identidades Nacionais em Debate*. Oeiras: Celta.

Castro, P. (2004). O descobrimento do Brasil na imprensa portuguesa: uma vontade de futuro. *Psicologia*, XVII (2), 363-380.

Comunidade de Países de língua Portuguesa (1996). *Declaração Constitutiva da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa*, 17 de Julho de 1996; www.cplp.org.

Connerton, P. (1989/1993). *Como as sociedades recordam*. Oeiras: Celta.

Correia, P. P. (1999). Descolonização. In Brandão de Brito, J. M. (Org.). *Do Marcelismo ao fim do império*. Lisboa: Circulo de Leitores.

Cunha, L. (2003). *Entre espaço e representação: Comunidade e memória social*. Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho.

Deschamps, J-C. (1982). Social identity and relations of power between groups. In: H. Tajfel (Ed.) *Social Identity and Intergroup Relations*. Cambridge: Cambridge University Press.

Echabe, A.E., & Castro, J.L.G. (1998). Social memory: macropsychological aspects. In U. Flick (Ed.), *The Psychology of the Social*, pp. 91-106. Cambridge: Cambridge University Press.

Eley, G. & Suny, R.G. (1996). Introduction: from the moment of social history to the work of cultural representation. In G. Eley e R.G. Suny (Eds.). *Becoming national* (pp. 3-37). Nova Iorque/Oxford: Oxford University Press.

Esperança, J.P. (2001). *Estudos de linguística timorense*. Aveiro: Sul.

Expresso (1999). Entrevista a Pramoedya Ananta Toer. (http://primeirasedicoes.expresso.clix.pt/ed1396/r0801.asp?r0741,r0801&rel).

Fundação das Unversidades Portuguesas (2004). Programa de Cooperação com Timor-Leste; www.fup.pt.

Gergen, K. (1994). *Towards transformation in social knowledge*. Londres:SAGE.

Governo da República Democrática de Timor-Leste (2005). "Local History". http://www.east-timor.gov.tl, consultado a 30 de Outubro de 2005.

Governo da República Portuguesa (2005). "História". http://www.portugal.gov.pt, consultado a 30 de Outubro de 2005.

Halbwachs, M. (1925/1994). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel.

Halbwachs, M. (1950/1997). *La mémoire collective.* Paris: Albin Michel.

Hull, G. (2001). *Identidade, língua e política educacional*. Díli: Instituto Camões.

Jodelet, D. (1989). Les Représentations sociales: un domaine en expantion. In: D. Jodelet (ed.), *Les représentations Sociales*, Paris, PUF.

Liu, J.H. (1999). Social representations of history: Preliminary notes on content and consequences around the Pacific Rim. *International Journal of Intercultural Relations, 23*, 215-236.

Liu, J.H. (2003). Socials Representations of History. *International Journal of Intercultural Relationships*, 12, 104-125.

Liu, J.H., & Hilton, D. (2005). How the past weighs on the present: Towards a social psychology of histories. *British Journal of Social Psychology*, 44, 537-556.

Liu, J.H., Goldstein-Hawes, R., Hilton, D.J., Huang, L.L., Gastardo-Conaco, C., Dresler-Hawke, E., Pittolo, F., Y.-Y., Hong, F., Ward, C., Abraham, S., Kashima, Y., Kashima, E., Ohashi, M., Yuki, M., & Hidaka, Y. (2005). Social representation of events in world history across 12 cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 36, 171-191.*

Lobão, E. (2005). "Conivência criminosa". *Expresso*, 23/12/2005.

Lorenzi-Cioldi, F. (1994). *Les Androgynes*. Paris: PUF.

Lorenzi-Cioldi, F. (2002). *Les Représentations des groupes dominants et dominés Collections et agrégats.* Grenoble, Presses Universitaires de Grenoble.

Lourenço, E. (1990). *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Martins, M. L. (2004). "Lusofonia e Luso-tropicalismo : equívocos e possibilidades de dois conceitos hiper-identitários". Conferência inaugural no X Congresso Brasileiro de Língua Portuguesa, realizado em São Paulo pela Pontifícia Universidade Católica, entre 28 de Abril e 1 de Maio de 2004.

Mattoso, J. (2005). *A Dignidade. Konis Santana e a Resistência Timorense.* Lisboa: Temas e Debates.

Miranda, J. (2002). *Identidade nacional. Do mito ao sentido estratégico. Uma análise psicossociológica das comparações entre os Portugueses e os Outros.* Oeiras: Celta.

Moscovici, S. (1981). On social representations. In: J. P. Forgas (ed.), *Social Cognition - Perspectives on Everyday understanding*, London, Academic Press.

Moscovici, S. (1984). The phenomena of social representattions. In R.M. Farr e S. Moscovici (Eds.), *Social Representations* (pp. 3-69). Cambridge: Cambridge University Press.

Moscovici, S. (1988). Notes towards a description of social representations. *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250.

Moscovici, S. (1998). The history and actuality of social representations. In U. Flick (Ed.). *The Psychology of the social* (pp. 209-247). Cambridge: Cambridge University Press.

Rádio Televisão Portuguesa (2004). RTPi - Magazine Timor Contacto (http://programas.rtp.pt/canais-tv/rtpi/magazine.php?canal=5).

Sá, C.P., Oliveira, D.O., & Prado, L.A. (2004). As memórias colectivas do descobrimento do Brasil: imagem comum e juízos diferenciados nas populações portuguesa e brasileira. *Psicologia*, XVII (2), 275-291.

Santos, B. S. (1987/2001). *Um discurso sobre as ciências* (12.ª ed.) Porto. Afrontamento.

Schank, R.C., & Abelson, R.P. (1995). Knowledge and memory: The real story. In R.S. Wyer (Ed.), *Knowledge and Memory: The real story* (pp. 1-86). Hillsdale:LEA.

Semanário (2004). www.semanario.tp; Edições semanais consultadas online.

Sousa, H., & Marinho, S. (2004). "Lusocom: a Study of Communications Policies and Discourses in the Lusophone Space". Comunicação apresentada à International Communication Section da Conferência Científica da International Association for Media Communication Research (IAMCR) Scientific Conference, Porto Alegre, Julho 2004.

Tajfel, H. (1982). Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança. In Vários (Eds.). *Mudança Social e Psicologia Social* (pp.13-24). Lisboa: Livros Horizonte.

Vieira, J. (1999). *Portugal Século XX: Crónica em Imagens 1970-1980*. Lisboa: Circulo de Leitores.

Washigton Post (2004). G.W. Bush - John F. Kerry Debate; http://www.washingtonpost.com/wp-srv/politics/debatereferee/debate_0930.html.

Tabela 1 - Representações da História Universal: os acontecimentos mais referidos

Portugueses (N=118)		Timorenses (N=96)	
Acontecimentos	%	*Acontecimentos*	%
II Guerra Mundial	79,7	Guerra do Iraque	69,8
I Guerra Mundial	58,5	II Guerra Mundial	45,8
11 Setembro 2001	28,0	11 Setembro 2001	37,5
Descobrimentos	26,3	Terrorismo Global	29,2
25 Abril 1974	24,6	Massacre de Santa Cruz 1991	18,8
Revolução industrial	20,3	Independência de Timor 2002	15,6
Ida à Lua	14,4	Conflito Israelo-árabe	12,5
Guerra/Invasão Iraque	11,9	Invasão indonésia 1975	8,3
Bomba atómica	11,9	D Universal Direitos Humanos	7,3
Queda do Murro de Berlim	11,0	I Guerra Mundial	7,3

Nota: % = percentagem de evocações espontâneas de determinado acontecimento.

Tabela 2 - Representações da História Universal: as personalidades mais referidas

Portugueses (N=118)		Timorenses (N=96)	
Personalidades	%	Personalidades	%
Hitler	77,1	Bin Laden	65,6
João Paulo II	26,3	G.W. Bush	52,1
Salazar	24,6	Xanana Gusmão	36,5
Einstein	22,9	Kofi Annan	34,4
Madre Teresa Calcutá	18,6	Saddam Hussein	30,2
Mandela	17,0	Mandela	21,9
Bin Laden	16,1	Ximenes Belo	20,8
G.W. Bush	16,1	Suharto	19,8
Saddam Hussein	14,4	Che Guevara	17,7
Estaline	10,2	João Paulo II	17,7
Vasco da Gama	10,2	Sérgio Vieira de Mello	17,7

Nota: %=percentagem de evocações espontâneas de determinada personalidade.

Tabela 3 - Representações da História Nacional: os acontecimentos mais referidos

Portugueses (N=118)		Timorenses (N=96)	
Acontecimentos	%	*Acontecimentos*	%
25 Abril 1974	80,5	Massacre de Santa Cruz	78,1
Descobrimentos	79,7	20 de Maio de 2002	45,8
Implantação da República	41,5	Referendo 1999	43,8
Adesão à União Europeia	36,4	'Setembro negro' 1999	39,6
Salazarismo/Estado Novo	30,0	Guerra Civil 1975	32,3
Fundação	20,3	Invasão/Ocupação indonésia	31,3
Colonialismo	16,1	Tragédia 4 Dezembro 2002	22,9
Descolonização	16,1	Massacres 1999	18,8
Restauração	11,0	Massacre Krarás 1983	14,6
Expo98	10,2	Prémio Nobel da Paz 1996	14,6
Guerra Colonial	10,2	Colonização portuguesa	11,5

Nota: % = percentagem de evocações espontâneas de determinado acontecimento.

Tabela 4 - Representações da História Nacional: as personalidades mais referidas

Portugueses (N=118)		Timorenses (N=96)	
Personalidades	%	Personalidades	%
Salazar	77,1	Xanana Gusmão	85,42
Mário Soares	50,3	Ximenes Belo	82,29
Afonso Henriques	44,9	Ramos Horta	56,25
Camões	35,6	Nicolau Lobato	33,33
Vasco da Gama	25,7	Mari Alkatiri	31,25
Fernando Pessoa	21,4	Eurico Guterres	28,13
Cavaco Silva	18,8	Mário Carrascalão	18,75
Amália Rodrigues	15,4	João Tavares	17,71
Sá Carneiro	8,6	Francisco Xavier do Amaral	14,58
Eusébio	8,5	Basílio de Nascimento	10,42
Luís Figo	8,5	Francisco Lopes da Cruz	10,42
Pedro Álvares Cabral	8,5	Abílio Osório	9,38

Nota: % = percentagem de evocações espontâneas de determinada personalidade.